

Aos Funerais do "Afrika Corps"

Cap. Umberto Peregrino

Este impressionante epílogo da Campanha Africana sugere-nos reflexões dignas de um demorado exame. O grato feito das armas aliadas, de resultados espetaculares e definitivos, encerra, com efeito, os mais saudáveis e oportunos ensinamentos.

Primeiro que tudo se deve considerar a inflexível preparação militar, que foi a verdadeira base do êxito. Depois de concluída a primeira fase da campanha, isto é, a ocupação do Norte da África em sintonização com a ofensiva do VIII Exército, que veio recalando as famosas forças do Marechal von Rommel desde o Egito até a Linha Mareth, seguiu-se uma longa pausa, um largo período de inatividade por parte dos anglo-americanos. Ante essa situação os observadores mais impacientes passaram da expectativa à inquietação, à censura. Reclamava-se uma ação imediata, a pronta e radical eliminação dos exércitos do Eixo instalados na Tunísia. E os aliados inativos, fazendo muitas vezes concessões territoriais nos setores mais avançados, fato que alguns, ainda não completamente libertos do preconceito da infalibilidade germânica, interpretavam como fraqueza e indício da contra-maré. Nada, porém, alteraria a determinação do comando aliado, que só atacou quando deu por concluída a preparação prevista.

O valor dessa preparação tem medida nos resultados alcançados, e o seu vulto se afere pela magnitude das operações realizadas, operações que importaram num completo desastre imposto ao veterano e todo-poderoso AFRIKA KORPS, ainda reforçado pelos exércitos de von Armin e Messe. Não ignoramos também as dificuldades dessa preparação, tendo em vista que as bases de abastecimento aliadas são verdadeiramente a Inglaterra e os Estados Unidos, o que significa muitos dias de navegação sob o castigo dos submarinos e por fim da própria aviação inimiga. Enquanto isso os totalitários, que faziam

uma campanha defensiva, portanto menos onerosa em homens e material, desfrutavam a vantagem de bases próximas, as do território italiano, e que, além de tudo, eram bases antigas, excelentemente aparelhadas. Tal vantagem era tão importante que alguns otimistas se iludiram, acreditando que o acelerado retraimento do Marechal von Rommel correspondia a um plano diabólico, segundo o qual os britânicos seriam irremediavelmente batidos, quando suas comunicações estivessem suficientemente alongadas. E de fato, a campanha do Deserto tinha sido até então, nos seus desconcertantes fluxos e refluxos, uma função das comunicações. Todo aquele que avançava demasiado se enfraquecia e dentro em pouco era obrigado a retroceder, ao impulso do adversário que se revigorava, avizinhandose das suas bases.

Podemos, pois, ter a campanha final da África, compreendendo a ação do VIII Exército através da Cirenaica e da Tripolitânia, e as operações de conjunto na Tunísia, como um modelo de gigantesca e meticolosa preparação militar. Quando dispusermos de todos os elementos para estudá-la, recolheremos, certamente, as mais interessantes lições.

Do ponto de vista geral ficou manifesto o alto grau de eficiência do comando, da tropa e do material aliados. Demonstra-se, com o testemunho inapelável dos fatos, que não há soldado privilegiado, que não há exército definitivamente superior. Os germânicos, ao embate com forças poderosas, também fracassam, experimentam revêzes ainda maiores que os que logram impôr. Pelo menos os britânicos, quando era mais negra a sua sorte nas armas, conseguiram retirar de Dunquerque, da Grécia e de Creta. Stalingrado e Tunísia são dois desastres inéditos nesta guerra, e, paradoxalmente, debitados à "Wehrmacht"...

* * *

Todos esses recentes acontecimentos militares anunciam, em termos bastante claros, o declínio do poderio do Eixo. Mas, e é preciso ter isso bem em conta, não acarretam uma mudança tão substancial no curso da guerra que possam significar o seu próximo fim. Verdade é que Moltke costumava dizer que estava muito satisfeito com o moral do exército alemão na vitória, mas preferia não opinar

encarando a derrota. Tais previsões, em todo caso, são calcadas em elementos imponderáveis, que fogem a uma avaliação precisa, fogem, sobretudo, a uma apreciação objetiva, útil, na situação atual.

Dessa forma, os planos aliados devem repousar essencialmente na solução militar, que está, bem o sabemos, ainda distante, pois supõe a destruição dos exércitos de Hitler nos campos de batalha europeus. E' para essa etapa gigantesca que óra marchamos.

O Brasil, parcela ativa das Nações Unidas, participará militarmente do choque supremo.

Nossa presença nesta guerra não foi obra de circunstâncias fortuitas nem de qualquer imposição internacional. Os atos hostis partiram do Reich, quando o Presidente Getulio Vargas mantinha infrangível a nossa neutralidade, pois são dessa época o metralhamento do "Taubaté" no Mediterrâneo, o afundamento do "Buarque" e outros atentados à nossa navegação, os quais se foram acumulando até a agressão final, no litoral da Baía. Ora, se os nossos navios comerciais não foram poupados sequer nas rótas de cabotagem, como poderíamos esperar respeito ao nosso território, plataforma estratégica ideal para o assalto à navegação e ao próprio sólo norte-americano? Que fizeram a Belgica, a Holanda, a Dinamarca, a Noruega? Eram neutras, tinham pavor à guerra, e recebiam constantes garantias por parte da Alemanha. No dia, porém, em que se tornou útil invadí-las para atacar a França e a Inglaterra, não houve consideração moral que detivesse os nazistas, e eis as quatro cultas e tradicionais nações europeias devastadas pela guerra e reduzidas à escravidão. Teriam, talvez, reagido com vantagem se não houvessem confiado...

Mas não era só a posição estratégica do Brasil que ditava a sua conduta, senão também os seus mais altos interesses econômicos, comerciais, políticos, bem como a linha da sua vocação histórica e da sua cultura. Com efeito, do outro lado está a Alemanha nazista, cujos dogmas são fundamentalmente contrários a nós (racismo, espaço vital, acesso às matérias primas, autonomia das minorias germânicas), anti-cristã, empreiteira de uma ordem política que repugna à indole do povo brasileiro, nação a cuja cultura nunca nos filiamos, que jamais teve qualquer influência na nossa evolução política ou social. Por quê, diante de tantos e tão fortes antagonismos iríamos romper com a tradição brasileira de democracia e solidariedade continental?

Contudo, o Governo dispendeu os maiores esforços para manter-nos à margem do conflito, muito embora fosse evidente que não poderíamos escapar, dada a nossa posição geográfica, à voragem dessa luta generalizada. A agressão nazista veio apenas precipitar aquilo que era certamente uma fatalidade.

Agora avizinha-se o instante em que daremos a nossa contribuição militar. E' ocioso especular sobre a importância moral desse fato. Quando partirmos para combater na Europa estaremos revivendo tão somente os exemplos de Lafaiete, Garibaldi, Cockrane, que no passado combateram na América como verdadeiros americanos.

Pelo que toca ao Exército, devemos considerar a oportunidade de provar a eficiência dos nossos quadros e da tropa, em confronto, ombro a ombro, com os melhores exércitos do mundo. Também devemos pensar na experiência que daí nos resultará, colocando-nos em condições privilegiadas na América do Sul. A prova vivida dos campos de batalha é a única que realmente emancipa os exércitos, incute-lhes confiança e vigor combativo.

O Exército Brasileiro, aparelhado e disciplinado pela mão forte do seu reconstrutor, o Exmo. Snr. General Ministro Eurico Gaspar Dutra, aguarda serenamente o instante em que intervirá na batalha máxima, ao lado das forças anglo-americanas e francesas, poderosa massa donde saíram os vitoriosos exércitos de campanha africana.

